



EXÉRCITO FOI PARA AS RUAS DE CARACAS PARA MANTER A ORDEM, DEPOIS DE DEFLAGRADA UMA GREVE DE PETROLEIROS

# Aproximação com a Venezuela

Sandra Lefcovich  
Da equipe do **Correio**  
Vicente Nunes  
Correspondente

A Colômbia e a Venezuela também estão no cardápio da conversa entre os presidentes Fernando Henrique Cardoso e George W. Bush. Os norte-americanos torcem o nariz para o presidente venezuelano, Hugo Chávez, e vêem Fernando Henrique como o chefe de Estado latino-americano com maior ascendência. Chávez, acreditam, dá muita atenção às opiniões do presidente brasileiro, com quem tem diálogo fácil. Tanto que Chávez fez questão de um encontro com FHC antes da Cúpula de Quebec. Na terça-feira, ele almoça no Alvorada. É a sétima reunião dos dois em 25 meses.

Aos olhos dos norte-americanos, Chávez é um provocador. Aproximou-se de inimigos do pessoal de Washington, como o presidente de Cuba, Fidel Castro, e do Iraque, Saddam Hussein. Quebrando a tradicional aliança com o governo norte-americano na área do petróleo, ele organizou uma Cúpula da Organização de Países Exportadores de Petróleo (OPEP) em Caracas e mobili-

zou o grupo para controlar a produção e o preço do petróleo. Por último, proibiu o vôo de aviões estrangeiros para monitorar o tráfico de drogas. Com esse histórico, Fernando Henrique é tido como um bom interlocutor, capaz de contê-lo em iniciativas mais ousadas.

Para completar, a lua-de-mel de Chávez com os venezuelanos também está acabando. Eleito duas vezes presidente com apoio maciço dos compatriotas, Chávez começa a enfrentar denúncias de corrupção, greve de petroleiros, protestos de estudantes e aposentados. Tanto que fez ontem o que prometeu que nunca faria: levar os militares às ruas para conter as manifestações. Mais de 90% dos petroleiros aderiram ontem ao segundo dia da paralisação que começou na quarta-feira para pedir o aumento salarial de 15%.

Mas não é só da Venezuela que o Brasil se aproximou nos últimos anos. Fernando Henrique deve explicar a Bush a iniciativa brasileira de unir a América do Sul, concretizada na Cúpula dos 12 presidentes sul-americanos, em agosto do ano passado. A expectativa é que o governo republicano entenda que há um bloco regional e que os problemas do Sul não de-

vem ser vistos pela ótica mexicana, uma tendência dos Estados Unidos e uma pretensão do México que o Brasil tenta quebrar.

## PLANO COLÔMBIA

Sobre a Colômbia, Fernando Henrique deve mostrar que as posições brasileira e norte-americana não são divergentes e a cooperação é possível. A administração republicana quer ampliar para toda a região o chamado Plano Colômbia — aprovado durante o governo Clinton, ele inclui US\$ 1,3 bilhão de ajuda financeira dos EUA para combater o tráfico de drogas na Colômbia. A iniciativa já foi batizada: é a Estratégia Andina.

O governo brasileiro concorda com a necessidade de ampliar a ajuda aos países vizinhos da Colômbia, que sofrem as consequências da repressão no maior país produtor e exportador de cocaína do mundo. O presidente deve explicar a proposta do Brasil de exercer um papel mais ativo na crise colombiana, na medida que o presidente Andrés Pastrana pedir. Mas há duas posições irreduzíveis: não há recursos para o vizinho, nem chances de envio de tropas.